

# A África do Kiswahili: Um Estudo sobre a Influência Política da Linguagem

*Catharina Martins Nobre<sup>1</sup>*

**Resumo:** Quando a comunicação se faz necessária em relações internacionais, interpessoais ou em relações políticas em geral, porém as partes não partilham da mesma cultura, etnia ou há a necessidade de um ambiente neutro, a língua franca torna-se parte indissociável das interações e do processo em si. Em um continente tão cultural e etnicamente diversificado, com milhares de línguas sendo faladas, a existência de uma língua franca, como o *Kiswahili*, que possa propiciar relações não apenas em suas situações econômicas, mas também políticas, não deve ser invisibilizada como fator para a comunicação e a paz no sistema. Diante deste contexto, este artigo propõe-se a demonstrar a importância da língua franca *Kiswahili* para a integração e para as relações políticas no continente africano, principalmente em suas regiões Leste e Central.

**Palavras-chave:** Kiswahili. Língua Franca. Tanzânia. África.

---

<sup>1</sup> Graduada em Relações Internacionais pela Universidade de Vila Velha (ES). E-mail: catharinamnobre@gmail.com.

## 1 Introdução

Língua nativa africana existente desde o século X, o *Kiswahili* passou a assumir papel de língua internacional, com abrangência territorial, ideológica e demográfica significativa dentro do território africano, assim destacando-se dentre milhares de outras (MUKUTHURIA, 2006). Essa língua hoje passa a ser ainda mais utilizada com os adventos da globalização, representando fortemente o continente, a cultura e a história africanas, e integrando também a própria África a partir destes (HABWE, 2009).

Mesmo tendo pouca abrangência quando analisada como língua materna, o idioma se disseminou com força e impacto, principalmente no Leste Africano, tendo falantes não apenas na Tanzânia, Quênia e Ruanda, onde é uma das línguas oficiais, mas também presente em outros países como Burundi e República Democrática do Congo. Dessa forma, o *Kiswahili* se tornou a língua utilizada em contextos interétnicos e interculturais, sendo um denominador comum que possibilita a comunicação (MARSHALL, 2015).

Muitos estudiosos críticos dos processos de colonização e descolonização levantam a utilização de línguas como uma importante ferramenta para lembrar das identidades e das culturas de nações que sofreram tentativas de apagamento pelos colonizadores. Esse processo de utilização da língua como ferramenta acontece por meio de literatura escrita na língua ou pela expansão do uso desta língua em atividades cotidianas (MARSHALL, 2015).

Em uma região ou continente cuja história é perpassada pela exploração, pela colonização, por conflitos, pela independência, pela influência étnica e pela resistência à ocidentalização, um ponto em comum a se pensar é como a língua tem potencial de unir nações. A língua, neste contexto, é capaz de inspirar, motivar e organizar as pessoas em direção a um mesmo objetivo, favorecendo a comunicação entre elas e tornando a diplomacia em uma alternativa plausível para se manter a paz e alcançar interesses, bem como alavancar seu desenvolvimento e fortalecer a soberania de seu país.

Diante deste contexto, a língua é tida como um fator fundamental a ser discutido e analisado. Assim, este artigo procura responder a seguinte pergunta:

qual é a importância da língua *Kiswahili*, ao se observar, principalmente, o impacto do idioma na história da Tanzânia – e por conseguinte de outras línguas francas em outros contextos – para as dinâmicas políticas e sociais entre os países e as pessoas no continente africano?

Alguns passos necessários para se alcançar tal objetivo serão abordados ao longo do texto. Primeiro, na seção 1 (um), busca-se explicar o conceito e a importância de línguas francas para as dinâmicas internacionais no sistema, utilizando exemplos de outras línguas em distintas regiões, mas sempre com maior foco na língua *Kiswahili* e em como esta se encaixa como tal. Em seguida, na segunda seção, demonstrar-se-á a importância política do idioma *Kiswahili* e a sua relevância no continente, por meio da sua história em países que a utilizam, sua disseminação no continente e exemplos de casos em que esta foi relevante para a construção social, cultural ou política do continente africano, com um foco especial em sua participação e papel na história da Tanzânia, na qual a presença do idioma em questão é clara em vários dos momentos marcantes da nação e assim bastante interessante de se analisar.

É importante ressaltar que, até mesmo dentro do ambiente acadêmico de pesquisa, ainda é muito pouco disseminado o conhecimento sobre o continente africano, suas línguas, suas sociedades e suas culturas, principalmente quando comparadas com o conhecimento sobre o Ocidente. A língua *Kiswahili*, suas nuances e seus papéis dentro do continente, está incluída nessa lacuna de conhecimento.

Além disso, o próprio papel da linguagem pode ser com frequência esquecido pelo internacionalista, por ser um fator tão presente que pode passar despercebido. No entanto, a linguagem pode participar e deve ser percebida como um grande diferencial em dinâmicas entre pessoas e países, principalmente quando se trata de uma língua franca, utilizada quando existe a necessidade de entendimento entre partes vindas de diferentes regiões, com diferentes *backgrounds*, culturas e contextos (GIMENEZ *et al.*, 2015).

Esse diferencial, caso bem explorado e estudado, pode ser uma ferramenta interessantíssima dentro do sistema internacional. Afinal, a comunicação feita através do uso de línguas francas, empregada como alternativa para influência política em regiões ao invés do uso da força, na forma de medidas culturais, diplomáticas,

entre outras, pode levar a uma mais provável possibilidade da paz na resolução de conflitos de interesses.

## **2 O Idioma *Kiswahili* como Língua Franca**

Antes de se abordar e tratar da língua *Kiswahili* e suas influências dentro do continente, faz-se necessário demonstrar seu estabelecimento como língua franca e sua participação nas dinâmicas entre países, pessoas e culturas. Entretanto, para isso, primeiro surge o seguinte questionamento: o que é uma língua franca e qual é o seu papel dentro da sociedade?

Um dos exemplos mais conhecidos de língua franca é o inglês (ILF - Inglês como Língua Franca), que assume este papel ao se caracterizar como uma língua utilizada com muita frequência em conversas, negociações, ou situações públicas, quando as pessoas não falam a língua de origem uma da outra ou a de seu público. O inglês possui, inclusive, um maior número de falantes que a utilizam secundariamente do que aqueles que o têm como sua língua materna ao redor do mundo (GIMENEZ *et al.*, 2015).

Sendo assim, pode-se argumentar que a necessidade de uma língua franca surge a partir de situações e cenários interculturais, objetos de estudo claros das Relações Internacionais, em que se faz imprescindível a comunicação entre partes que conseguem estabelecer o diálogo necessário utilizando esta ferramenta, seja na forma escrita ou na falada. Dessa forma, a língua franca se faz presente em âmbitos diversos, desde a conversa privada e cotidiana, até negociações comerciais entre exportador e importadores ou mesmo em cúpulas de organizações internacionais (GIMENEZ *et al.*, 2015).

Nesse sentido, o *Kiswahili* se originou como uma língua nativa na costa do leste africano e, desde o seu surgimento, espalhou-se rapidamente entre as populações dos mais diversos países dentro do continente africano. Estabeleceu-se como uma língua franca desde muito cedo, datando como tal mesmo antes da colonização da região, sendo até mesmo utilizada por missionários cristãos em suas viagens ao continente (PETZELL, 2012).

A língua passou a ocupar o status de língua franca de forma mais distinta, sendo utilizada para além de conversas, de negociações e do comércio entre indivíduos,

a partir do século XX, com a realização do Comitê de Língua realizado em 1930 na Tanzânia, que pretendia desenvolver o potencial da língua. Outro momento, foi quando os movimentos de independência no país começaram a se estabelecer, e, neste, a língua foi utilizada na união da população em prol de tal objetivo, não sendo necessária a tradução, já que todos a conheciam tão bem (PETZELL, 2012).

Mais recentemente, a língua foi adotada como um dos idiomas oficiais da União Africana, bloco regional de escopo continental, formado por 55 estados-nação do continente africano, criado para unificar os esforços rumo ao desenvolvimento e eliminação de traços ainda restantes da colonização sofrida pelos países membros, visando garantir a soberania destes. Dentre as línguas oficiais utilizadas nas reuniões e documentos do bloco, a *Kiswahili* possui o status de única língua de matriz africana diretamente nomeada como língua oficial em meio ao Árabe, o Inglês, o Francês, o Português e o Espanhol (AFRICAN UNION, 2021).

Até mesmo os colonizadores utilizaram o *Kiswahili* como língua franca, conforme explica Marshall (2015) em sua dissertação de mestrado: *Kiswahili and decolonization: The Inter-Territorial Language Committee and successor organizations, 1930-1970*. Em sua pesquisa, o autor pontua o papel da língua durante a época, ressaltando que, após uma das grandes rebeliões indígenas Maji Maji (1905-1907), os colonizadores alemães perceberam que o idioma *Kiswahili* seria um fator unificador para aquele povo, fazendo com que a escolha mais sensata fosse a promoção deste idioma por parte dos alemães, para que fosse possível assumir o controle da situação. Assim, a administração alemã na região passou a usar cada vez mais a língua, tanto em seus atos institucionais quanto na educação, e, dessa forma, aumentou a relevância do idioma na região, o que concedeu à língua ainda mais o *status* de língua franca (MARSHALL, 2015).

Faz-se importante pontuar que, quando se trata do continente e dos países africanos, a necessidade da língua não reside apenas na facilitação das relações entre as nações, mas também dentro dos próprios territórios nacionais. Em um país como a Tanzânia, por exemplo, onde o *Kiswahili* é uma das línguas oficiais, mas que também possui outras mais de 160 línguas sendo faladas em seu território, a escolha da língua oficial é extremamente vital para o entendimento de todos, para

o reconhecimento da população e para a comunicação entre os líderes do país, das tribos, e entre o povo em si (PETZELL, 2012).

Um ponto interessante a se tratar é que, como língua franca, o *Kiswahili* não apenas servia para momentos de comunicação, de comércio ou de organização popular, como nas rebeliões e movimentos antes citados. Na região do Leste Africano, a língua passou a ser também uma inspiração e uma motivação nacionalista em comum entre vários países, como Quênia e Ruanda, e, assim, ganhou força cultural e significativa simbologia para além da sua capacidade de comunicação (MARSHALL, 2015).

Neste sentido, a língua foi uma grande ferramenta para a população em momentos de rebeldia contra seus colonizadores, sendo utilizada até mesmo em rebeliões e guerras de independência. Alguns exemplos são seu uso dentro da *Tanganyika African Association* (TAA), primeira grande organização nacionalista dentro do continente, e, em seguida, na *Tanganyika Africa National Union* (TANU), sua sucessora, bem como em Zanzibar e no Quênia, ambos grandes atores também na disseminação e construção do *Kiswahili* como língua franca entre países na busca pela independência (MARSHALL, 2015).

Em seu artigo sobre o papel da língua no desenvolvimento do leste africano, Mukuthuria (2006), ressalta o uso do *Kiswahili* como língua franca e sua abrangência territorial. O autor destaca sua influência ao dizer que a língua é utilizada em toda a região do Leste e Centro africanos, o que colabora com a alfabetização e com o comércio, possibilitando um sentimento de união e uma comunicação mais ampla entre todas as pessoas, além de outros muitos papéis. Tal perspectiva também é levantada por Habwe (2009):

Além dos negócios, existiram vários grupos linguísticos que tinham dependências uns aos outros. Entretanto, estes eram separados por limites políticos. *Kiswahili* se torna um meio de reconstruí-los como um só. A língua também ajuda a minimizar os conflitos nas fronteiras na região do Leste Africano. Tal fato acontece porque o repertório da língua, comum a todos, os ajuda a ver uns aos outros como pessoas pertencentes de uma mesma grande e dividida região, mas que é unida linguisticamente (HABWE, 2009, p. 3, tradução nossa).<sup>2</sup>

---

2 No original: “Besides the trade, we have many similar linguistic groups that have an attachment to one another. However, they are separated by political boundaries. *Kiswahili* becomes a means of re-forging them as one. The language also helps minimize border conflicts in the East African region. It does so because the language repertoire

É perceptível, portanto, a presença do idioma em vários âmbitos e papéis dentro do território, como, por exemplo, nas relações de comércio e de imigração entre fronteiras e nas relações políticas que datam desde a época colonial. A língua também está presente na música, na literatura tradicional, no ambiente de trabalho de muitos, além de ser ministrada em escolas, utilizada na mídia e em questões burocráticas (HABWE, 2009).

Embora seja língua materna apenas no Quênia e na Tanzânia, tendo assim poucos falantes nativos da língua, o *Kiswahili* espalha-se para o Burundi, para Ruanda, para a Uganda, para a República Democrática do Congo, dentre outros países, trazendo para si milhões de falantes nos dias de hoje (PETZELL, 2012). Por este motivo o *Kiswahili* passa a ser utilizado por estes em suas relações internacionais, em momentos de diversidade cultural e étnica, tanto a nível interpessoal quanto governamental, conforme demonstrado.

Valendo-se de um desejo mútuo dentre os países da região de desenvolver o Leste Africano, seja social, política ou economicamente, é possível perceber que as atividades políticas aplicadas ali tinham como característica a necessidade de um entendimento entre os atores para a realização de negociações, conversas e ações conjuntas. Neste ponto, como afirma Petzell (2012), em seu artigo “*The Role of Kiswahili in the Integration of East Africa*”, a língua *Kiswahili* funciona como facilitador e um agente de reforço para as relações que se seguem, marcando bem seu papel como língua franca no continente.

### **3 A Tanzânia do *Kiswahili***

Para melhor demonstrar a importância do idioma *Kiswahili* para o desenvolvimento e para a política no continente africano, poderia-se escolher qualquer um dentre os vários países que têm falantes da língua, seja como idioma principal ou secundário, já que todos foram, alguns mais e outros menos, mas todos de alguma forma, impactados por ela. No entanto, a relação da Tanzânia com a língua pode ser considerada especial, uma vez que o *Kiswahili* foi parte fundamental na criação do país e no fortalecimento de sua cultura (CHEBET-CHOGE, 2012).

---

*common to all helps them to view themselves as a people belonging to one large divided but linguistically united region*” (HABWE, 2009, p. 3).

Desde a época colonial, com a criação da TANU, anteriormente citada, o então presidente, Nyerere, percebeu no *Kiswahili* a possibilidade da união do país e da criação de uma força única pela liberdade da nação em meio a tanta diversidade política, que depois é expandida também para Zanzibar. Fato interessante é que até mesmo o discurso de independência proclamado por Nyerere foi feito em *Kiswahili*, representando a importância da língua para a nação desde o início de sua história livre. Além disso, o presidente se autointitulava promotor da língua, responsabilizando-se de torná-la mais utilizada entre as pessoas e as instituições africanas (CHEBET-CHOGE, 2012).

Tal processo foi especial e único na história como se conhece hoje, perpassando a construção cultural e identitária daquele povo como é conhecida e entendida atualmente. Era esperado que o idioma fosse escolhido como língua oficial do país, por ser falado de forma tão disseminada e por estar sendo utilizado como língua franca desde bem antes deste processo (CHEBET-CHOGE, 2012).

Porém a utilização do *Kiswahili* como força motriz e unificadora de esforços em prol do fim da exploração neocolonialista e rumo a uma política socialista como era a pretendida pela TANU não havia sido feita desta forma antes em outros lugares (NJUBI, 2009). Sua utilização era mais do que uma parte da dinâmica ou estratégia política, era na verdade uma forma de mobilizar a população por meio da criação de uma nova identidade, como bem apresenta Petzell:

O *status* de Swahili foi ainda mais fortalecido quando a TANU (Tanganyika African National Union) foi formada em 1954 e passou a usar a língua para mobilizar o povo na luta pela independência. Como um número tão grande de pessoas já entendia a língua, essa passou a ser uma força unificadora (PETZELL, 2012, p. 138, tradução nossa).<sup>3</sup>

Tal perspectiva de utilização de fatores culturais que partem do povo para a construção de identidades e, até mesmo, de uma própria nação é bastante abordada por Benedict Anderson (2006) em seu livro *Imagined Communities*, e a discussão aqui se encaixa perfeitamente. O autor, ao longo de sua obra, ressalta como a linguagem utilizada por um povo é um dos fatores mais importantes para a construção da

---

<sup>3</sup> No original: “*The status of Swahili was further strengthened when TANU (Tanganyika African National Union) was formed in 1954 and began using the language to mobilise the people in the struggle for independence. Since such a large number of people already understood the language, it came to be a unifying force*” (PETZELL, 2012, p. 138).

nação, já que por meio desta são criadas noções e entendimentos, e, através dessas noções, o próprio povo é construído dali em diante (ANDERSON, 2006).

Para Anderson (2006), a língua é um elemento cultural que une o povo em um entendimento comum, em uma identidade comum, gerando sentimentos de pertencimento e de fraternidade – estes sentimentos, assim, levam o povo a ter vontade de lutar pelo seu país, pela sua nação, de defendê-la e reconhecê-la. Tal visão de Anderson é especialmente visível no contexto da Tanzânia para com o *Kiswahili*, e torna mais claro o entendimento dos processos que se seguem (ANDERSON, 2006).

Em sua dissertação, Bastos (2018) destaca uma interessante nuance das dinâmicas do idioma para a mobilização do povo tanzaniano que em muito lembra as afirmações de Anderson (2006). Levantando-se a discussão da apropriação da língua, o autor ressalta que seu uso não foi limitado a uma instrumentação ou simplesmente focada em neutralidade para comunicações que precisariam ser feitas – o *Kiswahili* assumiu um papel tão forte que passou a ser um dos elementos basilares do próprio entendimento do nacional tanzaniano, trazendo consigo um peso cultural que incluía até mesmo elementos de orgulho pela negritude tanzaniana (BASTOS, 2018).

Assim, a luta pela liberdade e pelo fim do neocolonialismo no território da Tanzânia passa a ser uma luta que não se resume apenas em seu objetivo de libertação econômica e pelo fim da exploração de seus recursos, mas também se apresenta como uma luta cultural, de reencontro com as raízes e com o orgulho africano. Tal fato acontece graças ao uso de uma língua de matriz africana que era compartilhada por aquela população dominada (NJUBI, 2009).

Pode-se até mesmo afirmar que, nesta missão de libertar-se das amarras coloniais referentes a sua cultura e seu modo de viver, a Tanzânia foi mais bem sucedida do que outros países africanos de sua região (NJUBI, 2009). Com tal visão e espírito espalhados pelo povo, os futuros líderes do país puderam implementar diversas medidas que fortaleceram a língua, como a utilização da mesma na literatura, mídia impressa (75% de toda era feita em *Kiswahili* até 2010) e televisiva (CHEBET-CHOGE, 2012).

Faz-se imprescindível ressaltar, entretanto, que estes não são os únicos fatores pelos quais o *Kiswahili* alcançou seu nível de importância, ao ponto de ser escolhido como a língua nacional da atual Tanzânia em meio a tantas outras. Vários foram os fatores que a transformaram no que é hoje, datando desde antes da época colonial do país e dos outros ao seu redor (MULOKOZI, 2004).

O próprio fato da língua ter sido tão importante dentro da Tanzânia foi um fator impulsionador da mesma como língua franca. Além dos motivos citados no tópico anterior, como o uso da língua pelos colonizadores para o melhor controle da população e, em seguida, seu uso pelos movimentos de independência, a anexação e implementação da língua em Zanzibar, considerada capital comercial do leste africano, é um dos mais importantes a serem levantados (MULOKOZI, 2004).

Ainda com toda a inclusão do idioma no processo e na história do país, Nyerere não se mostrou satisfeito e deu um passo além, implementando diversas medidas políticas para a implementação da língua nas instituições das Repúblicas Unidas da Tanzânia. Começando pela sua adoção como língua nacional em 1962 e língua oficial do governo em 1967 (MULOKOZI, 2004).

Em 1967, desejando que se utilizasse cada vez mais o idioma, Nyerere criou uma política pela qual fábricas foram construídas e implementadas nas regiões em que existiam vilas de diferentes *backgrounds* linguísticos. Seguindo-se em 1968, com suas políticas de educação para a independência, o mesmo tornou o *Kiswahili* a única língua da educação primária no país e exigiu a tradução de todos os documentos, formulários e designações para a língua (MULOKOZI, 2004).

Vale ressaltar também que, ao longo dos anos, a identificação do país com a língua em questão foi tão forte que o *Kiswahili* passou a ser uma das partes indissociáveis do nacionalismo na Tanzânia. O idioma, então, vem a ser considerado um dos fatores que tornam uma pessoa parte deste país e uma característica para o reconhecimento uns dos outros entre a população (PETZELL, 2012).

Assim, sopesando-se todos esses fatores e a criação de vários ministérios e instituições no país para garantir o sucesso de tais políticas, pode-se perceber que o *Kiswahili* foi parte indissociável do processo de criação da Tanzânia como a conhecemos hoje. É possível ainda perceber que o seu papel como língua franca foi essencial para a integração daquele povo e para seu desenvolvimento político,

perpassando suas instituições e programas e alcançando assim também suas vidas pessoais (MULOKOZI, 2004).

Portanto, o *Kiswahili* desempenha um papel não apenas de importância para as relações externas do país, como seria de se esperar de uma língua franca, mas também para o próprio fortalecimento da identidade local, para o nacionalismo que ali existe e para a construção da nação. Desta forma, a nação e até mesmo o próprio continente em que se insere podem passar a ser vistos mais positivamente pelo resto do Sistema Internacional a partir da expansão do uso e da influência de sua língua (MULOKOZI, 2004).

#### 4 Considerações Finais

Ao se estudar o sistema internacional, as relações entre indivíduos, empresas e países trazem à tona as diferenças intrínsecas a estes, que passam a ser, então, fatores indissociáveis dos processos e dinâmicas que vêm acontecendo com mais e mais frequência com os adventos da globalização. Tornar o diálogo entre tais diferenças – sejam elas culturais, econômicas, étnicas, religiosas, sociais ou políticas – possível e, portanto, tornar também as próprias relações possíveis, é o papel das línguas francas (GIMENEZ *et al.*, 2015).

Embora menos conhecida como tal no ocidente, a língua *Kiswahili* desempenha o papel de língua franca em seu continente há muito tempo. Sua presença data desde antes do século X, ultrapassando as fronteiras entre vários países, tribos e pessoas e perpassando momentos históricos (MUKUTHURIA, 2006).

Conforme demonstrado neste artigo, o *Kiswahili* como língua unificadora da região do Leste Africano foi fator fundamental para o desenvolvimento e os acontecimentos no continente, principalmente aqueles relacionados às realizações políticas. Para a Tanzânia, o idioma foi tão imprescindível que participou de todos os momentos desde sua colonização, seus movimentos pela liberdade e independência e as suas políticas a partir de seu estabelecimento como república (MULOKOZI, 2004).

Quando se discute o poder político nesse caso, a abordagem não é militar, de *hard power* e coerção, mas sim de influência, através do *soft power* realizado por nações ou grupos uns sobre os outros. Segundo Nye (2004), “poder” é conseguir

fazer com que o outro faça aquilo que você deseja que ele faça, seja por convencimento, influência ou coerção.

O chamado *soft power*, então, apresentado por Nye, procura fazer com que, a nível interno, as pessoas tenham as tendências e preferências que o líder gostaria que tivessem, sem precisar coagi-las para tal, e a nível externo, que se alcance os objetivos sem se aplicar o uso da força. Tal feito é realizado através de atração por valores compartilhados, pela diplomacia e pela ideia de trabalhar em conjunto para alcançar melhores resultados (NYE, 2004).

Trazendo tal análise de volta para a história da Tanzânia, por exemplo, o *soft power* realizado ao utilizar a língua *Kiswahili* fica evidente e perceptível. Ao perceber a necessidade de uma luta por liberdade e independência, Nyerere utiliza-se de algo que o povo tem em comum, sua língua, e a fortalece como símbolo dos ideais, dos valores e do estilo de vida africanos para que todos, juntos, lutem pela liberdade (NJUBI, 2009).

Assim, pode-se afirmar que a língua *Kiswahili* foi sim para o país um mecanismo político extremamente importante de influência do poder para a movimentação da população contra o neocolonialismo que ali se assentava. Foi ainda posicionada como uma ferramenta contra o imperialismo, e foi através desta que se pôde alcançar os resultados desejados da forma como foram alcançados. Vale aqui também lembrar a abordagem feita por Anderson (2006) quando ressalta que a língua falada em um país, assim como outros fatores culturais do povo que ali existe, são fatores importantíssimos para a construção da identidade da própria nação, para seu entendimento como povo e até mesmo para a defesa do próprio país (ANDERSON, 2006).

Seguindo este mesmo entendimento, uma nação, sendo entendida como uma comunidade imaginada pelo seu povo, que vem a ser colonizada ou dominada por outros povos, pode deixar de sê-lo através da imposição da cultura de outros povos sobre o seu – processo que foi visto em vários países ao longo da história do Sistema Internacional (ANDERSON, 2006). O que acontece na Tanzânia, portanto, é um movimento de fortalecimento, por meio desta cultura, de um povo que possui uma ligação forte em si mesmo apesar de diferenças e que por meio

da língua recusa-se a deixar a sua nação deixar de ser aquilo que construíram ou passar a ser algo construído por outros povos.

Tais efeitos, aliados à utilização da língua, não são limitados ao território da Tanzânia. Vários países da região do Leste Africano aderem ao idioma que tem participação de destaque para seu comércio, para sua integração e para as negociações políticas entre os países, incluindo-se Quênia e Ruanda, assim também em outras regiões do continente africano como um todo, como em Moçambique, no Zimbábwe, na África do Sul, na Angola, entre outros (CHEBET-CHOGE, 2012).

A língua *Kiswahili* foi parte inclusive de movimentos de libertação no Congo, quando facilitou a relação revolucionária com Cuba e a Argentina, com liderança de Che Guevara, comunicando-se por meio do idioma com um tradutor na época em 1965. Foi ainda instrumento no auxílio de Uganda ao Quênia nos anos 50 e na tomada de Zanzibar para o continente africano, todos atos com influência e importância política notórias para seus respectivos países. E esses são apenas alguns exemplos dentre muitos (CHEBET-CHOGE, 2012).

O *Kiswahili* segue como forte símbolo da unificação na África, apesar de existirem também críticas quanto à possível perda de idiomas menos falados por meio da disseminação deste. Quando em frente aos conflitos da Guerra Fria, foi na língua que foram proferidas as frases que muito impactaram a região em sua relação com o conflito de ambos os lados, de não conformidade, insatisfação e consideração entre os próprios africanos como a única verdadeira resposta política boa para tal situação. “*Ndovu (wawili) wanapopigana, nyasi ndizo ziумiazо*” (quando os elefantes lutam, a grama é quem sofre) demonstrava sua insatisfação com as consequências do conflito para eles, e “*ndovu (wawili) wanapojamiana/wanapofanya mapenzi, nyasi huzidi kuumia*” (quando os elefantes fazem amor, a grama também sofre), sua certeza de que de qualquer forma, nenhum dos dois lados intenta em beneficiar a África, apenas os seus próprios interesses (CHEBET-CHOGE, 2012).

Além disso, atualmente, em que os efeitos da diáspora de pessoas das mais diferentes nacionalidades do continente africano têm suas consequências ainda mais visíveis em forma de preconceito ao redor do globo e muitas vezes até de esquecimento por parte dos descendentes de suas origens e de suas tradições culturais, muitos têm se debruçado sobre o aprendizado de línguas de matriz africana para

se reconectar com o país de seus antepassados e, assim, fortalecer seu sentimento de pertencimento, sua identidade, mesmo sem necessariamente retornar à África e aos seus respectivos países. Este movimento de pan-africanismo também pode ser analisado como um movimento político, e é mais um ponto em que se encontra a presença do *Kiswahili* para o fortalecimento da presença africana no mundo (CHEBET-CHOGE, 2012).

Conclui-se, portanto, que o *Kiswahili* foi e é parte importante do desenvolvimento e das políticas existentes no território africano e dos povos africanos como um todo, seja onde estiverem no novo contexto mundial, que este serviu como fonte unificadora de seu povo e que a partir deste os ideais africanos puderam ter de volta o destaque que era seu antes de ser tomado em seu próprio território. Foi um instrumento pelo qual os africanos reconquistaram sua independência econômica, política e cultural, iniciando assim, também, um movimento de expansão ao resto do mundo (CHEBET-CHOGE, 2012).

### ***Kiswahili's Africa: A Study about Language's Political Influence***

**Abstract:** When communication is needed in international, interpersonal or political relations, but the parts in the dialogue do not share the same culture, ethnicity or are in need of a neutral environment, the so-called *lingua franca* becomes an indissociable part of the process. In a continent so culturally and ethnically diverse, with thousands of languages being spoken, which for so long was under the western domination, the existence of a *lingua franca* between nations, populations and people, as is *Kiswahili*, that is able to make possible relationships not only in economical situations but also in political ones, should not be overlooked as a factor for communication and peace in the system. In said context, this article aims, through qualitative exploratory research, to demonstrate the importance of the *lingua franca Kiswahili* for the integration and the political relations in the African continent, especially in its Eastern and Central regions.

**Keywords:** Kiswahili. Lingua Franca. Tanzania. Africa.

## Referências

AFRICAN UNION. **About the African Union**. 2021. Disponível em: <https://au.int/en/overview>. Acesso em: 13 maio 2021.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. New York: Verso, 2006.

BASTOS, Felipe Barradas Correia Castro. **Políticas de Língua e Movimentos Nacionalistas: Campos de Interação Histórica entre Tanzânia e Moçambique (1961-1969)**. Orientador: Omar Ribeiro Thomaz. 2018. 255 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/331888/1/Bastos\\_FelipeBarradasCorreiaCastro\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/331888/1/Bastos_FelipeBarradasCorreiaCastro_M.pdf). Acesso em: 10 maio 2021.

CHEBET-CHOGE, Susan. Fifty Years of Kiswahili in Regional and International Development. **Journal of Pan African Studies**, Fresno, v. 4, n. 10, p. 172-203, jan. 2012. Disponível em: <http://jpanafrican.org/docs/vol4no10/4.10FiftyYears.df>. Acesso em: 10 out. 2019.

GIMENEZ, Telma *et al.* Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 593-619, jul.-set. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3398/339842232004.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

HABWE, John. Role of Kiswahili in the Integration of East Africa. **Journal of Pan African Studies**, Fresno, v. 2, n. 8, p. 2-10, mar. 2009. Disponível em: [http://www.jpanafrican.org/docs/vol2no8/2.8\\_RoleOfKiswahiliInTheIntegration.pdf](http://www.jpanafrican.org/docs/vol2no8/2.8_RoleOfKiswahiliInTheIntegration.pdf). Acesso em: 15 set. 2019.

MARSHALL, Andrew Tyler. **Kiswahili and decolonization: The Inter-Territorial Language Committee and successor organizations, 1930-1970**. Orientador: Doutor James H. Mittelman. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – School of International Service, American University, Washington D.C., 2015. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/b5c54553162acd-f593e0cc173c659af1/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>. Acesso em: 15 set. 2019.

MUKUTHURIA, Mwenda. Kiswahili and Its Expanding Roles of Development in East African Cooperation: A Case of Uganda. **Nordic Journal of African Studies**, Helsinki, v. 15, n. 2, p. 154-165, 2006. Disponível em: <http://www.njas.helsinki.fi/pdf-files/vol15num2/mukuthuria.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

MULOKOZI, Mugyabuso M. **Kiswahili as a National and International Language**. H-Net Humanities and Social Sciences Online, 19 fev. 2004. Disponível em: <https://www.abibitumi.com/wp-content/uploads/ppMigration/30354=-782-kiswahili.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

NJUBI, Francis N. Remapping Kiswahili: A Political Geography of Language, Identity and Africanity. *In*: ARROUS, Michel Ben; KI-ZERBO, Lazare. **African Studies in Geography from Below**. Dakar: Codesria, 2009. p. 105-131. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=4PQK68LNtjcC&oi=fnd&pg=PA105&ots=V\\_jxMOD42D&sig=UEbMLSCZg0MvsjchFrZNM6k7m8&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=4PQK68LNtjcC&oi=fnd&pg=PA105&ots=V_jxMOD42D&sig=UEbMLSCZg0MvsjchFrZNM6k7m8&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 01 nov. 2019.

NYE, Joseph S. The Benefits of Soft Power. **Harvard Business School**, 02 ago. 2004. Disponível em: <https://hbswk.hbs.edu/archive/the-benefits-of-soft-power>. Acesso em: 01 nov. 2019.

PETZELL, Malin. The Linguistic Situation in Tanzania. **Moderna språk**, Uppsala, v. 106, n. 1, p. 136-144, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/267840648\\_The\\_linguistic\\_situation\\_in\\_Tanzania](https://www.researchgate.net/publication/267840648_The_linguistic_situation_in_Tanzania). Acesso em: 16 jun. 2021.